

ÚLTIMAS PALAVRAS

H. L. "BUD" TENNEY

Eu chegara do trabalho há uns quinze ou vinte minutos quando meu filho mais velho, Eduardo, que estava brincando do lado de fora, entrou em casa - estava muito sério. Tinha apenas seis anos à época. Marco, dois anos e meio mais novo, estava logo atrás dele.

Eu assistia ao noticiário da televisão quando Eduardo ficou na minha frente. Sabia que ele tinha alguma coisa em mente.

Meu filho podia falar comigo sobre qualquer assunto. E achava que eu tinha respostas para tudo.

Fiquei imaginando se havia alguma coisa errada ou se ia apenas me fazer uma de suas perguntas sérias sobre as regras do jogo em que estava envolvido com o irmão. Mas estava concentrado demais para esse tipo de assunto. Resolvi lhe dar toda a atenção.

Ele disse bem devagar:

- Papai, preciso falar com você.
- Tudo bem, Dudu, o que é?
- Já sou grande agora, não sou?
- Claro que é. Me diga em que está pensando.
- Não quero que você me chame mais de "Dudu", quero que você me chame de "Duda", e não quero mais chamar você de "papai", quero chamar você de "pai".

Tendo dito isso, parecia ainda mais sério e nervoso. Dei o sorriso mais orgulhoso da minha vida.

- Tudo bem, Duda. Vou chamar você de "Duda" ou de "Eduardo" e vou esperar ansiosamente para você me chamar de "pai". Mas nunca me chame pelo nome, está bem?

Ele pareceu mais calmo e disse, numa voz forte:

- Posso ir lá fora de novo e brincar, pai?

Respondi que sim.

- Ainda quero chamar você de "papai" - disse o meu filho mais novo.
- Que coisa boa! - respondi.

Nos dias seguintes, todas as vezes que Eduardo tinha qualquer coisa para me falar, ele começava com "pai".

Mesmo se quisesse saber o que tínhamos para o jantar, perguntava: "Pai, qual é o jantar?" Não demorou muito para Marco seguir os passos do irmão.

Eu não pude deixar de sorrir. Minha mulher virou o rosto para sorrir também.

Meu filho Eduardo morreu em 1993. Um dia antes nos falamos ao telefone sobre como estava se sentindo. Seis semanas antes, ele fora submetido a uma operação para remover um câncer em um dos testículos. Mas este não fora atingido, graças a Deus.

Eduardo me disse que estava com a vista embaçada e os dedos dormentes, além de dificuldades para pronunciar as palavras. Eu lhe disse que ficaria bem. O problema era que tinha voltado a trabalhar logo depois da cirurgia. Ele concordou e disse que ia diminuir um pouco o ritmo. Os dois rimos porque sabíamos que ele não faria isso.

- Amo você, Dudu - eu disse.

- Amo você também, papai - ele respondeu com uma risada adorável.

- Boa-noite, Dudu.

- Boa-noite, papai - ele disse ao desligar.

Foram as últimas palavras que trocamos. No dia seguinte, lá pelo meio-dia, soube que Eduardo estava no hospital. Quando cheguei, ele estava em coma. A tarde, o médico nos avisou que um aneurisma se rompera no cérebro do meu filho. Ele morreu à noite, às sete horas e seis minutos.

Enquanto eu estava rezando por sua vida, muitas coisas me passaram pela mente. Sobretudo, serei sempre agradecido a Deus pelas últimas palavras de meu filho. Não ficara nenhuma questão pendente entre nós. Tivéramos um bom relacionamento. Embora sua morte tenha sido obviamente dolorosa - para ele física e para mim emocionalmente -, a inocência e a doçura daquela recordação da infância partilhada por nós ofereceram uma lembrança comovente para um pai que viu seu filho partir cedo demais.

Não há amizade, não há amor que se compare ao amor de um pai pelo filho.

HENRY WARD BEECHER